

ANÁLISE DOS PRECONCEITOS RACIAIS COM MULHERES
NEGRAS EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA DE JUIZ DE FORA –
MG.

CARLA BEATRIZ DA SILVA RAFAEL, MARIA ELISA CAPUTO FERREIRA,
FABIANE FROTA DA ROCHA MORGADO, SIDNEI DE OLIVEIRA RAFAEL e
JÉSSICA SOBRINHO TEIXEIRA

Universidade Federal de Juiz de Fora.

A discriminação racial acompanha as mulheres negras desde o século XVI (Freire, 2000). No século XXI, esta discriminação ainda persiste, atingindo mulheres negras de diferentes culturas brasileiras. Nas cidades onde a prática de atividade física possui um papel privilegiado, como a cidade de Juiz de Fora (Minas Gerais), observa-se uma robusta valorização de algumas características que colocam em evidência um modelo de corpo ideal, que não somente possui suas formas pré-definidas, mas, muitas vezes, a cor da pele também pode ser um fator determinante deste modelo de corpo ideal.

No Brasil, as categorias raça e preconceito de cor foram redefinidos ao longo dos séculos. Tais categorias demarcaram hierarquias e posições entre os membros da sociedade brasileira, colocando o negro em situação de inferioridade na hierarquia social (Abrahão, 2009). No que diz respeito ao corpo feminino, já se sabe que aquele dito ideal é um fator importante nas relações sociais. O corpo feminino 'ideal', além de magro e firme, o qual requer muitas horas de trabalho exaustivo em academias de ginástica, também pode possuir uma cor ideal, a qual não seja a pele negra (Aldelman, 2003).

Dessa forma, estudos sobre o preconceito racial de mulheres negras, em lugares onde o corpo ideal é cultuado e valorizado, como academias de ginástica, são importantes e necessários para um conhecimento mais amplo da construção da identidade destas pessoas, visto que as características sociais influenciam, segundo Schilder (1999) e Tavares (2003), na construção da identidade corporal e, conseqüentemente, na imagem corporal. Esta, por sua

vez, é entendida como a representação mental da identidade corporal e pode estar sendo reconstruída nas mulheres que sofrem preconceitos raciais.

O objetivo deste estudo foi realizar uma pesquisa exploratória sobre o preconceito racial de mulheres negras em três academias de ginástica e musculação da cidade de Juiz de Fora/MG.

Metodologia:

A pesquisa possui abordagem qualitativa e foi desenvolvida em duas etapas: a primeira foi buscar referenciais teóricos que sustentasse a elaboração do roteiro da entrevista semi-estruturada com a utilização da aplicação de um questionário respondido pelas participantes e um estudo através de revisões bibliográficas. Na segunda fase, foi aplicada a entrevista, ou seja, este foi o momento de coleta de dados.

Amostra

A amostra foi constituída por 08 mulheres autodeclaradas negras, praticantes de ginástica e musculação de três academias de ginástica da cidade de Juiz de Fora/MG, com idades entre 20 e 40 anos. Os gerentes das instituições foram convidados e a estes foram disponibilizadas informações sobre a pesquisa. As mulheres negras que freqüentavam as academias de ginástica e musculação eram abordadas pela pesquisadora, e aquelas que aceitavam participar livremente da pesquisa e se autodeclararam negras foram convidadas para participar deste estudo.

Instrumentos

O instrumento para a coleta de dados foi um roteiro de entrevista semi-estruturada, com perguntas abertas e fechadas, elaboradas pelas pesquisadoras. Este roteiro foi submetido a cinco doutores da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora, que consideraram o instrumento apropriado para o objetivo deste estudo. Neste roteiro, foram feitas perguntas que tinham por finalidade rastrear discriminações ocorridas dentro do contexto das academias de ginástica e musculação analisadas. O questionário continha as seguintes perguntas: foram

discriminadas dentro da academia; trocaram de academia por causa da discriminação; a discriminação mexe de forma negativa com sua auto-estima e o motivo de realizar atividade física.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, no dia 20 de maio de 2010, conforme protocolo número 2053.112.2010.

Análise dos dados

Os dados foram analisados de forma quali-quantitativa, utilizando-se para isso descrição dos fenômenos e percentagem através do programa SPSS.

Resultados:

A média de idade das participantes foi de 30 anos ($\pm 7,111$). As características socioculturais da amostra indicam que 12,5% das mulheres tem o ensino fundamental, 25% tem o ensino médio incompleto, 37,5% tem o ensino médio completo, 12,5% tem no ensino superior incompleto, e 12,5% tem ensino superior completo.

No que se refere à discriminação nas academias de ginásticas, 37,5% das participantes relataram que já sofreram discriminação e 62,5%, nunca sofreram discriminação. Embora uma minoria tenha relatado já ter sofrido algum tipo de discriminação racial nas academias analisadas, este dado é preocupante quando se considera a imagem corporal destas pessoas. Schilder (1999) afirma que a relação dos outros com seus próprios corpos e com o nosso corpo pode influenciar nossa imagem corporal. Uma relação de discriminação pode, portanto, impactar negativamente na imagem corporal das participantes deste estudo.

As participantes que relataram sofrer discriminação consideraram que os próprios alunos das academias e as recepcionistas foram as principais pessoas responsáveis por discriminá-las. Em função disto, foi constatado que 37,5% das mulheres discriminadas resolveram trocar de academia, objetivando ficar longe do foco da discriminação. Uma grave constatação foi a de que 50% das participantes que sofreram discriminação relataram que o ato discriminatório mexeu de forma negativa com sua auto-estima, o que pode ter afetado sua imagem corporal.

Conclusão:

Através deste estudo, ocorrido dentro das academias de ginástica de Juiz de Fora, pode-se constatar que ainda na contemporaneidade, como em períodos passados, existe preconceito racial. Este preconceito pode impactar de forma negativa na imagem corporal das mulheres negras, sendo necessários estudos futuros mais profundos para a confirmação desta constatação. Ressalta-se, neste estudo, que os profissionais de Educação Física podem atuar significativamente para uma mudança de paradigma referente aos preconceitos raciais em seu lugar de trabalho. Este profissional pode conscientizar e trabalhar a igualdade de todos nas aulas de Educação Física, seja em academias de ginástica ou mesma nas escolas de todo o país. Além disso, a prática de atividade física, seja individual ou em conjunto, pode ser uma importante ferramenta no propósito de conscientização do combate à discriminação racial ainda vigente no país.

Palavras-chave: **Mulher negra, preconceito racial, relações culturais e raciais, Atividade Física.**

Referências bibliográficas:

Abrahão, B. O. L. (2009). *O Elogio ao Negro no Espaço do Futebol: Entre a Integração Pós-Escravidão e a Manutenção das Hierarquias Sociais*. Revista Brasileira Ciência Esporte, Campinas, v. 30, n. 2, p. 9-23, jan.

Adelman, M. (2003). *Mulheres Atletas: re-significações da corporeidade feminina*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, n. 2, p. 445-465, jun-dez.

Freyre, G. (1998). *Casa-Grande & Senzala*. [Editora Record](#), Rio de Janeiro.

Schilder, P. (1999). *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes.

Tavares, M. C. G. C. (2003). *Imagem Corporal: Conceito e desenvolvimento*. Barueri: Manole.